

# VISIBILIZAR A QUEM A HISTÓRIA INVISIBILIZA

**Dar voz a quem a história silencia**

*Tea Frigerio*

*t\_frigerio@hotmail.com*

**RESUMO:** *A escuta como obediência à vida é exigência atual da história. História que é roubada aos povos, e ao mesmo tempo lhes é roubada a obediência à vida. Sempre mais é roubado o direito à voz, à escuta, à iniciativa, ao discernir e responder, a tomar decisões. História que invisibiliza é inspiração crítica que conduz a reflexão. O profeta-poeta-místico Segundo Isaias conduz a reflexão. Ele não tinha nenhum programa proselitista-missionário: queria dar voz a quem a história silencia e ao fazer isso dá voz ao Deus na vida. Javé, um Deus único de muitos rostos, que liberta, recria e condena a multiplicidade de deuses legitimadores do sistema opressor. A voz de quem a história silencia lança luzes sobre a missão.*

**ABSTRACT:** *Listening as obedience to life is the current requirement of history. History that is stolen from the people and at the same time that obedience to life is stolen from them. The right to voice, to listening, to initiative, to discerning and responding, to making decisions is always stolen. History that makes invisible, is critical inspiration that leads to reflection. The prophet-poet-mystic Second Isaiah leads the reflection. He had no proselytizing-missionary program: he wanted to give voice to those whom history silences and in doing so give voice to God in life. Yahweh, a unique God of many faces, who frees, rebuilds and condemns the multiplicity of gods who legitimize the oppressive system. The voice of whom history is silent, sheds light on the mission.*

Início a conversa com um verbo que não vai de moda, nem entre nós missionárias-religiosas: obedecer. Verbo que vem do latim *ab-audire*, escutar intensamente. Verbo que restabelece nossa relação responsável com a vida: falar a vida, escutar a vida, assumir a vida. O discípulo/a nos diz o profeta Isaias: cada manhã,

abre meus ouvidos, para escutar, alimentar a fidelidade cotidiana de busca (Is 50,4-5).

A escuta como obediência à vida é exigência atual da história. História que é roubada aos povos, e ao mesmo tempo lhes é roubada a obediência à vida. Sempre mais é roubado o direito à voz, à escuta, à iniciativa, ao discernir e responder, a tomar decisões. Cresce e se alastra a delega, a passividade, a busca de segurança fora de si e em falsas promessas. O termo democracia nos interroga e questiona o poder de conhecer e de decidir. Colocar-nos a escuta de quem a história silencia. Visibilizar a quem a história invisibiliza talvez hoje é o maior desafio para nós que ousamos nos colocar a caminho, ao encontro dos povos. Então vos convido a escutar comigo.

*“Minha experiência pessoal ajudaria na construção da coluna. Alias, esta somente fazia sentido se servisse para afastar a invisibilidade forçada a que os povos da floresta foram submetidos. Portanto o constante contato com os povos e comunidades tradicionais – que defendia por dever de ofício e de coração – deveria desaguar na divulgação de sua cultura, resistência e esperança. Essa divulgação é peça-chave de lutar contra o preconceito que eles sofrem até os dias atuais. Não se luta a favor daqueles que não se conhece. E a invisibilidade permite que tantas atrocidades sejam cometidas até hoje. Algumas resultando em genocídio. Outras em etnocídio.*

...

*Aprendi muito com todos eles. Sobre os quilombolas, por exemplo, notei que sair da invisibilidade era mais difícil para quem, por questões de sobrevivência, se via obrigado a viver nessa condição ... Dormia em comunidades que vivenciavam integralmente o bem viver.*

...

*A convivência com os indígenas, por outro lado, me fez quebrar muitos tabus e preconceitos. O primeiro que não existe o povo indígena brasileiro. Cada qual é singular, é diferente do outro ... chegava nas aldeias sempre a convite deles. Era sinal de que algo grave estava acontecendo, como invasão de madeireiros, grileiros, mineradores*

*... Aproveitava para aprender tudo o que pudesse durante a estadia ali... não compreendem o sentido de “propriedade” ... do respeito ao pajé-curandeiro como enviado de Deus, como são todos os que cuidam dos outros.*

...

*Outra categoria normalmente esquecida, dos migrantes sem-terra que chegaram à Amazônia atraídos pela propaganda governamental de um grande projeto... Lembro-me de um casal carismático em Nova Ipixunal/PA, o Zé Claudio e a Dona Maria. Lutavam para que ninguém vendesse as castanheiras centenárias aos madeireiros... mortos numa emboscada covarde em 2011.*

...

*A decisão de assumir a coluna veio após perceber que meu conhecimento sobre o modo de viver dessas pessoas não deveria ficar guardado. Precisava ser divulgado por, no mínimo, respeito com essa parcela da população brasileira”.<sup>1</sup>*

## **DAR VOZ A QUEM NÃO TEM VOZ. DAR VISIBILIDADE A QUEM A HISTÓRIA INVISIBILIZA**

*“Eu ouvi, ouvi, eu vi, eu conheço, por isso desci” (Êxodo 3,7ss).* A experiência de um Deus que tem olhos, ouvidos, conhece e desce é experiência fundante. É rio de água que percorre toda experiência do povo de Israel, de Jesus, das Primeiras comunidades, da história da Igreja e, o convite de papa Francisco, a ser uma igreja em saída nos recorda aonde afundar nossas raízes, a que seiva beber: à experiência de um Deus que se colocou à escuta.

Israel, povo eleito, aliança, tecem na imaginação o evento libertador, o evento da passagem do Rio Jordão, a ocupação de Canã e o que significou assentar-se e viver na terra. Assentar-se

---

<sup>1</sup> PONTES Felício Jr. POVOS DA FLORESTA Cultura, Resistência e Esperança. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 7-10

num território, não tomar posse de uma terra, pois esta já estava ocupada. Ser povo que recebeu uma lei, a de conviver com seus vizinhos, de cuidar da terra, de sustentar os animais, de organizar seu sistema econômico para vida, de tal forma que o povo pudesse *'viver longamente sobre a terra'* (Is 2,1-5). É reler paradigmas antigos à luz da sustentabilidade que procura equilibrar o econômico com o ecológico, enraizada numa espiritualidade fiel ao Deus libertador que abomina a escravidão e ao mesmo tempo preocupa-se com a terra. Os temas da libertação e da criação se encontram, não em alguma época romântica antes do início da história, mas na realidade da luta humana, na história. Esta é espiritualidade e ética da *oikos* na qual habitamos daquilo que hoje se chama “Bem viver”.

A passagem do rio Jordão nos atrela à eleição, à “Terra Prometida”, a uma história de conquista e posse legitimada religiosamente e que serviu aos projetos colonialistas. A tradição da “Terra Prometida” por ser também extremamente patriarcal pode ser usada a serviço do racismo étnico e religioso. Em todas as tradições, nas metáforas e nos símbolos, algo fica oculto, mesmo quando se tenta revelar. Assim é o tema da “Terra Prometida” contudo, pode-se trabalhar perguntando pela falta de justiça, mantidas nas cidades cananeias, sobre o surgimento da tradição libertadora de Javé entre os pobres.

O rio Jordão, água que corre, nos conecta a água *viva* do Mar da Galileia, à água *agonizante* do mar Morto. Assim também se torna metáfora da escolha humana, responsabilidade humana, práxis humana focada na questão da sustentabilidade, da possibilidade de nossos descendentes viverem longamente sobre a terra. Esta água em si mesma é ambígua. Vá ao norte e viverás; vá ao sul e morrerás. Estando diante das águas que conectam a vida com morte, Moisés simplesmente disse: “*Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição: escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência*” (Dt 30,19).

Após quarenta anos vivendo no contexto estressante da falta de água do deserto arábico, Moisés está consciente que a água do

Jordão pode ser irresistivelmente sedutora. Mas, no Jardim do Éden que poderia ser Canaã, o povo precisa aprender novamente a se relacionar, aprender que a terra deve ser tratada com respeito. A água flui da vida (Galileia), mas ela corre para a morte (mar Morto). O fio entre vida e morte deve ser navegado através das escolhas humanas, éticas. O tema do rio Jordão é tradição bíblica que convida para a espiritualidade da passagem, deixar do outro lado, ir além responsabilizar-se pela vida. É tradição baseada numa ética, numa lei que protege os fracos, os estrangeiros e os marginalizados. É tema que faz ressurgir a tradição profética que diz a verdade aos poderosos.

A partir desta sensibilidade que queremos nos adentrar na profecia de Isaias 40-55.

Israel e as Nações, Monoteísmo e Idolatria, Povo eleito e os Povos, as Nações; Aliança e exclusividade de Javé são lentes que direcionam nosso olhar. O direcionam numa leitura tradicional que lê e interpreta Isaias 40-66 como mensagem de um profeta missionário que convoca os pagãos à conversão ao verdadeiro Deus, Javé. Profeta universalista que propõe um grande Israel mundial ao qual se incorporam “religiosamente” os outros povos, deixando seus Deuses considerados “ídolos”. Caminho que nos faz assumir uma postura de superioridade, de uma fé que os outros não têm.

Libertar-nos dessa tradição nos permite partir do sofrimento, da vida, dos corpos que elevaram lamentos, busca de identidade, consolação e liberdade, neste caminho encontrar nossa identidade na alteridade e universalidade. Aprender a difícil arte de dialogar.

O longo período histórico da profecia contida no Livro de Isaias, hoje há consenso que no seu interno há três livros: 1º Isaias 1-39 (sec. VIII); 2º Isaias 44-55 (sec. VI); 3º Isaias 56-66 (sec. V). Esta divisão não é tão rígida, tão linear, são reconhecido nele inclusões, acréscimos de outros períodos. Profecia que contém a memória histórica de cada época, mas profundamente marcada pela mão redacional final que fez a releitura a partir da época per-

sa (sec. IV). Pessoalmente percebo um fio colorido que perpassa todo o livro. Veremos no final qual é.

Situar-nos no contexto sócio histórico vivido pelos judeus no período monárquico, na experiência de destruição e desagregação dos exílios, na desilusão dos projetos de reconstrução frustrados, não nos deve fazer esquecer que é no período persa que estas profecias são relidas e reinterpretadas na ótica da “diáspora” entendida como anulação de todo projeto de um Israel-em-sua-terra, para ser um Israel entre as nações, em diáspora.

## COLOCAR-NOS À ESCUTA

“*Nos meus dias haverá paz e segurança*” (Is 39,8b) são as últimas palavras do 1º Isaias, que não encontram continuidade no “*Consolai ...*” (Is 40,1) do início do 2º Isaias. Percebemos um iato, uma ruptura. É Livro das Lamentações e de alguns salmos, como ad exemplo o Salmo 137 que nos ajudam a preencher este vacuo.

Coloquemo-nos à escuta:

*“Lembra-te Javé do que nos sucedeu,  
vê e considera nosso opróbrio!  
Nossa herança passou a estranho,  
nossas casas a desconhecidos.  
Nossos órfãos, já não tem pai;  
nossas mães, são como viúvas.  
Nossa água por dinheiro a bebemos,  
nossa lenha entra como pagamento.  
O jugo está sobre nosso pescoço, empurram-nos:  
estamos exaustos, não nos dão descanso”* (Lm 5,1-5).

São vozes de lamento, dor, sofrimento, perda, memória de algo terrível que aconteceu. Elas encontram resposta no “*Consolai ...*”. Permaneçamos na escuta e se fizermos silencio e aguçar-nos nossa audição vozes chegarão até nos:

40,1-2      voz feminina  
40, 3a      voz narrativa  
40,3b-5     voz masculina

40,6-9b narrativa com varias vozes  
 40,9c-11 voz masculina.

Vozes que chegam de longe “*meu povo*”, “*vosso Deus*”. Não mais profecia de julgamento, de critica, denuncia e castigo, mas profecia de consolação. Vozes que nos ajudam a reconhecer o terreno onde a palavra como chuva fértil desceu e fez brotar a esperança (Is 55,10ss).

Continuamos na escuta:

- 1 *Fazeis silencio, ilhas, e que as nações renovem sua força; que se aproximem então, falem e apresentamo-nos juntos em juízo.*
- 2 *Quem suscitou do Oriente aquele ao encontro de cujos passos vai a **salvação**?*  
*Põe diante dele nações e rebaixa reis;*  
*sua espada deixa-os como pó, como palha dispersa seu arco;*
- 3 *ele os persegue e avança incólume, por uma vereda que seus pés mal tocam.*
- 4 *Quem fez e cumpriu? Aquele que desde principio chama as gerações.*  
*Eu, Javé, o **primeiro**; e com os **últimos**, eu mesmo.*
- 5 *As ilhas viram e temem, os extremos da terra tremem; apresentaram-se e vieram.*
- 6 *Cada um ajuda o outro, e diz a seu irmão; “**Sê forte!**”*
- 7 *O artífice dá coragem ao ourives, aquele que alisa com o martelo, ao que bate na bigorna,*  
*diz respeito a solda que ela está boa, e reforça-a com pregos para que não se mova.*
- 8 *Mas, tu, Israel meu servo, Jacó a quem **escolhi**,*  
*descendência de Abraão, meu amigo,*
- 9 *tu, que tomei com força desde a extremidade da terra, de cujas fronteiras te chamei;*  
*a quem eu disse: “tu és meu servo, eu te escolhi, e não te rejeitei”:*
- 10 *“**Não temas!** Porque eu estou contigo, não te angusties, porque eu sou o teu Deus;*

- eu te fortaleci e também te ajudei, e também te sustentei com minha destra libertadora”.*
- 11 *Eis que serão envergonhados e humilhados todos os que se encolerizam contra ti.  
serão como nadas e perecerão aquele que contendem;*
- 12 *tu os procurarás, mas não os encontrarás, aqueles que lutam contra ti;  
serão como nada e como nulidade aqueles que te fazem guerra.*
- 13 *Porque **eu sou Javé, teu Deus**, aquele que te agarra com a força da mão direita  
E que te diz: “**Não temas! Eu te ajudei**”.*
- 14 *“Não temas, vermezinho de Jacó, gente de Israel!  
Eu te ajudei – oráculo de Javé – teu redentor é o Especial de Israel”.*
- 15 *Eis que te coloquei como um trilho afiado, novo, de fio duplo  
triturarás os montes e os reduzirás a pó, deixarás as colinas como palha,*
- 16 *mas tu os joeirarás e o vento os arrebatará, o vendaval os dispersará,  
mas tu te alegrarás, gloriar-te-ás no Especial de Israel.*
- 17 *Os oprimidos e os pobres buscam água, mas não há, sua língua está seca de sede.  
Eu, Javé, lhe responderei; eu, o **Deus de Israel**, não os abandonarei.*
- 18 *Farei jorrar rios por entre os montes desnudos, e mananciais por entre os vales,  
transformarei o deserto em represa de água, e a terra árida em vertentes de água;*
- 19 *no deserto estabecerei cedros, acácias, mirtos e oliveiras na estepe colocarei ciprestes, zimbro e plátanos.*
- 20 *A fim de que vejam e saibam, reflitam e capturem em conjunto que a mão de Javé fez isto, que o Especial de Israel criou tudo isso.*
- 21 *Apresentai a vossa queixa, diz Javé, apresentai as vossas razões, diz o **rei de Jacó**.*
- 22 *Trazei e indicai-nos o que vai acontecer;*

*as primeiras coisas – o que são? Indicai-nos para que prestemos atenção  
ou as coisas futuras fazei-nos ouvir, para que conheçamos o seu final.*

- 23 **Indicai-nos** os sinais que está por vir, para que conheçamos que sois deuses;  
*sim, fazei algo de bom ou de mal para que nos assustemos e tememos ao mesmo tempo!*
- 24 *Eis que vós não sois nada, vossas obras são maldades, escolher-vos é apenas uma abominação.*
- 25 *Suscitei-o do Norte e ele veio, desde o Oriente foi chamado pelo seu nome;  
ele pisoteia os governantes como fossem barro, procede da mesma maneira como o oleiro amassa a argila.*
- 26 *Quem o indicou desde o principio para que o soubéssemos desde os tempos antigos para que pudéssemos dizer: “Está bem!”  
Mas não havia quem o indicasse, tampouco quem o fizesse ouvir nem sequer quem escutasse o vosso discurso.*
- 27 *Eu, o primeiro, a Sião ..., a Jerusalém dou um mensageiro.*
- 28 *Olho e não há ninguém, entre eles não há nenhum conselheiro  
para perguntar-lhes e a quem possa responder.*
- 29 *Eis que todos eles nada são, são maldade as suas obras,  
vento vazio suas estatuas.*

(Isaias 41,1-29)<sup>2</sup>

Por que Isaias 41,1-29 e não outros textos, até mais próximos ao sentir feminista que guia minhas leituras e hermenêuticas? Ao ler, algo tocou minhas entranhas, uma empatia, o encontro com um texto-tecido com os fios coloridos das reflexões que venho tecendo ao longo de minha vida missionária, em companhia desse profeta-poeta. Fugi das traduções clássicas para acolher a de Se-

---

<sup>2</sup>Tradução de J. Severino Croatto – Isaias – A palavra profética e sua releitura hermenêutica Vol. II 40-55 – A Libertação é possível – Comentário Bíblico AT – Ed. Vozes, Petrópolis – Sinodal, São Leopoldo, 1998.

verino Croatto pela sua fidelidade ao texto hebraico e honrando sua sensibilidade à Palavra e aos Pobres.

## RECONHECENDO OS FIOS QUE TECEM O TEXTO: AS VOZES, OS ROSTOS ...

*Fazeis silêncio, ilhas, e que as nações renovem sua força;  
que se aproximem então, falem e apresentamo-nos juntos  
em juízo (Is 41,1).*

Povos/nações/ilhas se refere ao âmbito nacional do império babilônico, ou persa em sua redação final (cf. Is 2,2-5; 11,10-16). Com seu canto o profeta aponta o horizonte: seus pés pisam em Babilônia, é o chão de onde ele está falando, convocando as numerosas nações que compõem o império caldeu onde há israelitas dispersos. Os convoca em juízo a ouvir, ver a serviço de quem esta sua profecia.

*Os oprimidos e os pobres buscam água, mas não há, sua  
língua está seca de sede (Is 17a).*

Aos oprimidos, pobres e sedentos, aos invisíveis ele quer dar visibilidade. Quem são eles?

Ao redor dos anos 550 A.E.C. poderíamos vislumbrar em Babilônia, três grupos de exilados:

- 1º O rei e seus descendentes inicialmente prisioneiros, mas depois libertados e mantidos como reféns comendo da mesa do rei, como nos fala 2Rs 25,27-30;
- 2º Os grupos assentados nas colônias agrícolas ao redor dos canais de irrigação, obrigados a lavar a terra, que mantinham certa autonomia de movimento e organização, talvez também de comércio (Ez 18,7-8; 33,31).
- 3º Um grupo de 'servos, servas' trabalhando nas construções babilônicas, na agricultura e nas casas dos nobres como domésticos/as e escravos/as.

Parece-me que o profeta empresta sua pena e sua voz ao último grupo.

Acolhemos o convite do profeta a fazer silêncio e ouvir.

Escutamos vozes de pessoas cansadas, sem força seja idosos que jovens, tropeçam e caem pela fadiga; seu direito não é levado em conta (Is 40,29-30); pobres, sedentos em busca de água (Is 41,17); amedrontados, objetos de cólera pelos inimigos (Is 41,10-12; 51,13); a serviço de tiranos que os desprezam e humilham (Is 49,7); povo despojado, saqueado, preso em cavernas, ocultos em calabouços, tão sem valor que ninguém os liberta e resgata (Is 42,22; 51,14; 52,3.5); desfalecem, jazem nas encruzilhadas (Is 51,20); servos tão desprezados que nem verme, tratados que nem animais, cheios de sofrimento e dores (Is 41,8.14; 53,2-8); trabalham sem resultado, sem salário, por isso passam fome (Is 49,4; 51,14; 55,1); nem são “casa de Israel”, sem valor até aos olhos de Javé (Is 40,27); entre eles há mulheres vitimas da guerra, de violência, de abusos e estupros, gerando filhos ilegítimos rejeitados pelos judeus e pelos caldeus (Is 49,21; Is 50,1; 51,18; 54,1.4).

Vozes e corpos que carregam as consequências do exílio: humilhação, escravidão ou cárcere, perda da terra, da identidade cultural, desagregados e sem guias, a esperança está por um fio, em processo de internalizar os deuses do império.

Passaram-se cerca de 35-40 anos da deportação, a geração dos exilados está a ponto de ser extinta. Os acontecimentos esvanecendo, provocando a erosão da memória histórica: Javé está perdendo sua senhoria e assumindo mais e mais os traços de um Deus derrotado, vencido.

Recentes pesquisas revelam um império inflacionado à causa das guerras e atividades construtoras. O investimento nas guerras e nos templos é improdutivo. Abandonam-se as obras nos canais e na agricultura. Há um desgaste generalizado causando empobrecimento. Como isso deve ter afetado os exilados?

O profeta com sua voz, foca nosso olhar sobre os cativos de Babilônia, povo destroçado em sua integridade política e social, no centro do poder militar e religioso que os venceu, em um im-

pério de infinitos recursos, capaz de imobilizar qualquer intento de libertação.

Mas ...

*Mas, tu, Israel MEU SERVO,  
Jacó a quem **escolhi**,  
descendência de Abraão, meu amigo, (Is 41,8)*

Às vezes e aos rostos sem nome, sem identidade é dado um rosto, uma identidade: Israel, Jacó, descendência de Abraão. Israel-Jacó-descendência de Abraão memória que convida nosso olhar a se alargar, a voltar ao passado, às origens, Jacó/Israel do Genesis. O profeta se dirige aos judaítas exilados, mas reconhece no meio deles a presença de grupos de israelitas do norte exilados pelo império assírio. A todos eles dá visibilidade. No exílio todos eles são descendência de Sara e Abraão meu amigo, pedreira de onde foram talhados, cova de onde foram extraídos (Is 51,1-2). A memória se torna paradigmática: são nada, estéril, votados a desaparecer assim como no principio o foram Abraão e Sara. A memória se torna esperança fecunda, gerada pelas cinco ações de Javé: *eu te escolhi, te agarrei com força, te chamei, não te rejeitei, te ajudei, por isso sê forte, não temas!*

Israel-Jacó-descendência de Abraão é *meu servo*. O vocábulo *'ebed* = *servo/escravo* em Isaias 40-55 está presente: 21 vezes no singular exceto em 54,17; sempre em sentido honorífico/missão exceto 49,7; 14 vezes recebe diretamente o nome de Israel-Jacó; 5 vezes refere-se ao povo de Deus 42,1; 44,21; tem vezes que o servo e o povo parece serem colocados em contraposição.

A voz de Javé que proclama: meu servo traça o caminho de reconstrução da identidade: aos que nem tem identidade é devolvida a identidade. As vidas desprezadas, rejeitadas pelas nações e pelo próprio povo; aos prisioneiros cujo preço é tão vil ninguém os quer resgatar; aos famintos e sedentos sob o sol impiedoso sem quem os guie, sem futuro são “meu servo”. A quem busca justiça, um convite, olhar sua origem Abraão e Sara marcados pela esterilidade, deles brotou vida, sua historia. As mulheres que recebe-

ram a carta de repúdio, as mães que lamentam pelos filhos e filhas nascidas de abuso e estupro, abandonadas, rejeitadas, humilhadas, castigadas por Deus, Javé diz para elas “minha serva”. Quem foi desfigurado no duro trabalho, na tortura, na escravidão é meu servo, ele despontou em terra árida que nem broto verde. Homem que conheceu a dor, sem honra, denunciado, delatado pelos próprios companheiros e por isso preso e torturado, sentenciado chegou à beira da morte, permaneceu fiel a quem não conta, ao sonho de uma vida recriada (Is 52,13 a 53,12).

Ao lhe devolver a voz, ao tirá-los do anonimato traça o caminho de reconstrução, devolve a identidade, meu servo, eles são os sujeitos da ação recriadora de Javé.

*Porque eu sou Javé, teu Deus,  
aquele que te agarra com a força da mão direita  
E que te diz: “Não temas! Eu te ajudei”.  
“Não temas, vermezinho de Jacó, gente de Israel!  
**Eu te ajudei** – oraculo de Javé – **teu redentor** é o Especial de Israel”* (Is 41,13-14).

Abre-se uma fresta que nos permite espiar, ouvir uma declaração de amor: *tu és meu... pois és precioso aos meus olhos, és honrado e eu te amo* (Is 43,1-4), nos permite escutar a voz e entrever o rosto de quem pronuncia as palavras de amor.

O profeta-poeta que havia emprestado sua poesia à voz dos que não contavam, agora empresta sua poesia a Javé. O profeta-poeta não se ocupará com a religiosidade e o culto dos outros povos, muito menos com sua conversão, mas unicamente com as relações de Javé com seu povo Israel-Jacó, meu servo, minha serva.

Depois de meio século de opressão e de aculturação no contexto mesopotâmico, os exilados não deviam sentir-se muito atraídos pelo Deus que permitiu a destruição de sua história, de sua terra. Haviam de estar mais fascinados pelos grandes Deuses opressores, babilônicos.

O Segundo Isaias não tem proposta missionária. Sua voz busca recuperar a memória histórica do povo e recuperando a

memória acordá-lo da apatia que o encobre e que mata toda esperança. O poder babilônico legitimava seu poder em Marduc reconhecido como criador e salvador, celebrado e cultuado em festivais onde seu mito era narrado. Se Marduc cria e salva para o povo cativo não há esperança de libertação.

A genialidade poética empresta a força de sua palavra para acordar a memória histórica esquecida. Javé dos exércitos aquele que lutou lado a lado contra o faraó, assinalando suas maravilhas, seu agir no nome que povo escolherá para si, *Israel* que significa *El luta*. Javé agora em exílio se apropria do poder criador, modela a criação e recria o povo. Se Marduc criou na violência, Javé cria com a palavra, do caos a harmonia, o deserto em vergel, jorrando água que irriga plantas majestosas e faz florir o deserto (Is 41,17-20).

A imagem do oleiro que modela a argila (Is 43,1) inspira o rosto do Deus criador que modela um povo novo. Da argila, reduzida a cacos, povo desfeito, aniquilado um novo povo. A experiência de ser modelado, chamado, escolhido, torna os exilados capazes de discernir e ser testemunha que somente Javé salva, pois ele é o único salvador: *o Especial de Israel*.

*Especial de Israel* não *Santo de Israel*? O paradigma de santo, sacro aponta a separação, como no contexto de Levítico 10,2ss. *Especial de Israel*, presença de justiça no meio do povo. Santo vem carregado de sacralidade e separação. *Especial* pela sua presença única, amorosa, criadora, salvadora, libertadora modeladora do povo. *Javé é o Especial* porque ao apropriar-se das prerrogativas divinas de Marduc anula seu poder opressor desmascarando o poder dominador e opressor do império babilônico. É o *Especial* para Israel, os exilados ao escolhê-Lo escolhem a libertação, a vida. A memória lembra o antigo direito familiar clânico e faz perceber que Javé é presença próxima, parente, *go'el* que resgata.

O profeta-poeta convida Israel-Jacó a discernir, escolher entre os Deuses babilônicos legitimadores da opressão, então se voltarão à escravidão, se quiserem salvação, libertação, viver, devem escolher como seu único Deus, Javé. Nesta ótica podemos acolher e contemplar as afirmações monoteístas do Segundo Isaias.

*“Vós sois minhas testemunhas – oráculo de Javé –  
vós sois meu servo a quem escolhi,  
para que reconheçais e creiais em mim,  
para que possais discernir que sou eu:  
**antes de mim nenhum deus foi formado,  
depois de mim não haverá nenhum.**  
Eu mesmo, **eu sou Javé,**  
**e além de mim não há salvador** (Is 43,10-11).*

*Assim diz Javé, rei de Israel  
e seu **redentor**, Javé dos exércitos:  
Eu o primeiro, e o último,  
e fora de mim não deus” (Is 44,6).*

***Eu sou Javé** não há outro;  
além de mim não existe deus;  
eu te cinjo, mesmo que não me tenhas conhecido,  
para que se conheça desde o Oriente até o Ocidente que  
não há outro fora de mim  
**eu sou Javé** e não há outro,  
aquele que modela a luz e cria as trevas,  
aquele que faz o bem-estar e cria a desgraça,  
**eu sou Javé**, aquele que faz todas essas coisas.  
Céus, destilai lá do alto; que as nuvens derramem **libertação**,  
abra-se a terra; que frutifiquem salvação,  
que faça brotar a **libertação** ao mesmo tempo.  
**Eu Javé**, o criei” (Is 45 5-8).*

Notamos que ao traslar os termos para o religioso eles nunca perdem sua valência histórica, social, econômica e política. A profecia-poesia do Segundo Isaías enquanto afirma a unicidade de Deus nos surpreende nos revelando Javé o único Deus dos muitos rostos.

O Deus do passado realizará ainda no presente suas maravilhas (Is 43,16-21) por isso consola e acorda a esperança (Is 40,2; 54,5-6). Eu sou o teu Deus (Is 41,10.13): o primeiro e o último (Is 44,6.8; 45,5-6.14-22). Inúmeras vezes e com riqueza de ima-

gens se apresenta como Criador (Is 40,10.15.17-18.22-23.28; Is 42,5; 45,12-18; 43,1.7.15; 45,7-8; 48,6-7; 54,16). Os mitos babilônicos narravam que o ato criador era resultado de uma luta violenta entre a deusa Tiamat e o deus Marduc. Javé o Criador ordena, cria harmonia do caos (Is 45,18-19); o caos primordial não é realidade negativa, é a possibilidade da “Palavra – Dabar” criar, colocar em ordem, harmonizar, fazendo a vida florescer, e assim afirmar a quem está no caos exílico: vai nascer a vida, pois o Criador vence as trevas (Is 42,7; 45,7; 49,9); as águas (Is 43,2; 43,16; 50,2; 51,10); o deserto (Is 43,20; 44,3-4; 48,21; 51,3). Seu nome é Javé, o Deus do êxodo (Is 42,8; 44,23); o Especial de Israel, pois está no meio do povo (Is 41,21-24; 43,3.11-12; 45,20-24; 46,7; 49,25-26). É Deus das entranhas de misericórdia e compaixão (Is 46,3-4; 49,15); que perdoa (Is 44,22; 43,25; 44,22). A imagem de Deus que castiga é substituída pelo Deus que consola (Is 40,7-8.10-11). Ele pode reprender (Is 42,18-25), mas ao mesmo tempo capaz de declarações de amor, “eu te amo” (Is 43,1-7; 44,3.26; 51,16). Javé dos exércitos, criador supremo, garante sua energia criadora ao lado de quem não conta, não vai abrir mão, pode contar com ele (Is 41,2-20).

A poesia muda de tom, o Deus guerreiro é substituído pela mulher em dores de parto que dá à luz (Is 42,13-14); o Deus guerreiro assume feições femininas. Vários textos nos apresentam Deus como mulher. O profeta empresta vocabulário e imagens da Deusa mãe da cultura semita (Is 46,3-4; 49,15). Reconhecemos isso nos vocábulos *'betem'* = *ventre* (Is 44,2.24; 46,3; 48,9; 49,1.5.15) e *rehem* = *útero* (Is 46,3). Não tem medo da heresia, e visita as memórias antigas populares semíticas: Baal aquele que fecunda dando chuva e neve (Is 45,8; 55,10-11); Shadday, Ashera, Astarte as divindades femininas nutridoras e doadoras de vida (Is 42,13-14; 46,3-4; 49,15; 48,8).

Deus cujo nome é Javé, é pai de Abraão (Is 41,8), de Jacó (Is 48,1); de Abraão e Sara (Is 51,2); de Noé (Is 54,9); é Javé da promessa (Is 48,19); do êxodo (Is 43,16-20; 48,21; 51,9-10); dos exércitos e dos profetas (Is 44,6; 45,13; 47,4; 48,2; 51,15; 54,5). Ele é o Go'el – Resgatador – Redentor (Is 53,3). Aos que fazem

experiência de filhos ilegítimos, de quem não tem valor diz: não temer, sou teu parente próximo vou te resgatar, te dar um nome, estas tatuado na palma de minha mão (Is 40,9; 41,10-14.17; 43,1.3.5; 44,2.8.21-23; 51,7.12; 54,4.14; 43,6; 44,5; 48,19; 49,13-17). As mulheres que subiram violência e são desprezadas, rejeitadas, abandonadas (Is 49,18-21; 52,1; 54,11-12) ele garante ser companheiro e esposo (Is 54,5.8.10).

Ao mesmo tempo em que Isaías Junior afirma o monoteísmo de Javé, Deus que liberta, dá a vida e condena a multiplicidade de deuses legitimadores do sistema que escraviza, oprime negam a vida, pinta à nossa frente Javé presença reconhecida na multiformidade de seus rostos: criador, mãe, pai, companheiro, esposo, pastor, parente próximo, redentor (Is 50,2; 52,3; 54,5). Notamos que a raiz *g'l* – *goel* traduza com *redentor* é presente 17 volte ao longo do seu canto.

## E OS DEUSES BABILÔNICOS?

*Eis que todos eles são maldade  
são as suas obras, vento vazio suas estatuas* (Is 42,29).

Ao acompanharmos a leitura dos textos onde o profeta debate com as divindades babilônicas percebemos que ele percorre vários caminhos. Usa de ironia, os desapropria de seus atributos, denuncia sua legitimação ao poder dominador.

Na descrição das divindades, que o profeta chama de ídolos, percebemos a voz de quem fabricou estas estatuetas, talvez algum escravo-artesão obrigado a fazer isso pelo seu dono. O escravo-artesão conhece todo o processo da fabricação, desde a escolha do material até firmá-las para que não caiam ao chão, e utiliza sua arte para ridicularizar. Ele afirma: obra humana, nada! A ironia vence o medo!

Com seu canto e poesia que ironiza, os desapropria de seus atributos. Javé é o único Deus, o Especial de Israel, Criador, Salvador, Libertador, Redentor, Mãe que alimenta e dá a vida,

Companheiro, Esposo, Pai e Irmão. Ao afirmar a identidade de Javé, os exilados afirmam sua própria identidade. Ironizando e desapropriando denunciam sua falsidade: eles legitimam o poder imperialista, dominador, opressor, excludente, não são deus, são ídolos, fetiche.

No Deutero Isaias o “Monoteísmo” está enraizado na espiritualidade fiel ao Deus libertador que abomina a escravidão e ao mesmo tempo preocupa-se com a terra. É retomada a pergunta profética, pela falta de justiça mantida nos impérios. É o acordar da memória do surgimento e da releitura da tradição libertadora de Javé entre os pobres.

## O CANTO MUDA DE RITMO

O profeta ao olhar para cena internacional havia cantado Javé como pastor que conduz a história e que confia o pastoreio a Ciro:

*Quem suscitou do Oriente aquele ao encontro de cujos passos vai a **salvação**?  
Põe diante dele nações e rebaixa reis;  
sua espada deixa-os como pó, como palha dispersa seu arco;  
(Is 41,2).*

Quando a libertação acontecer a quem atribui-la? A Javé ou a Marduc? Quem o será Deus do novo império? Para Ciro parece não haver dúvidas: *‘Marduc perscrutou ao redor todos os países, em busca de um governador reto... e pronunciou o nome Ciro ... para que fosse o governador do mundo inteiro ... Ele lhe indicou a estrada de Babilônia, caminhando ao seu lado como um verdadeiro amigo’* (Cilindro de Ciro).

O Deutero Isaias não dúvida é Javé que conduz Ciro, embora este não o conheça (Is 44,28; 45,1-7). Um estrangeiro é o ungido, é o pastor. Sonhando a libertação, inicialmente pouco se importando se chegava com jeito imperialista. O que o profeta anseia transmitir é a certeza que a história não está fora do controle, Javé a conduz e orienta.

Parece que quase no fim de seu ministério, o canto do profeta-poeta muda de ritmo:

*“Como são belos, sobre os montes,  
os pés do mensageiro que anuncia a paz,  
do que proclama boas novas  
e anuncia a salvação,  
do que diz a Sião – O teu Deus reina –”* (Is 52,7)

Canto que convida a olhar os pés do mensageiro, que vem ligeiro sobre os montes, não mais com passo militar, mas com passo de dança, de servo anunciando o shalom, o bem-estar, a salvação. Termos que nada tem de abstração, eles anunciam o fim do cativo, bem-estar, libertação, shalom, vida em plenitude.

A utopia é renovação da Aliança, não mais nos moldes do palácio e do templo, mas na visão utópica da sociedade tribal (Is 55,1-5).

O Terceiro Isaias ao reler ou ao continuar, dependendo das escolhas que fizermos manterá esta linha de pensamento, na crítica ao culto vazio (Is 58); ao dar continuidade à missão do servo em Isaias 61 tornando-o o quinto canto do servo de Javé.

## QUEM É O SERVO? QUAL É SUA MISSÃO?

Em fidelidade ao profeta-poeta-místico, que está por traz do Segundo Isaias, que continuo e convido vocês a continuar na escuta da voz do *‘servo’*.

Comumente são apresentados quatro Cânticos do Servo de Javé. Atualmente esta tradição está em discussão como podemos ver a seguir:

- 4 Cânticos: 42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53-12;
- 5 Cânticos: os mesmos acrescentando 42,5-9;
- 7 Cânticos: 42,1-4; 49,1-6; 49,7; 49,8-13; 50,4-10; 53,1-12;
- Aos quatro Cânticos propõem acrescentar: 51,13; 51,4-

6; 51,9-16; 61,1-4; 61,1-12; 63,7-14; 66,1-11.

- Havia uma corrente que afirmava que os Cânticos foram escritos e inseridos numa época posterior. Atualmente esta linha de pensamento é superada.

A discussão permanece em aberto quanto à identidade do “servo”. Refletindo a partir de Atos 8,34s “*de quem o profeta fala: de si mesmo e de outro?*”, percebemos que é uma pergunta que ressoa nos séculos. Atualmente temos quatro teorias.

*Personagem coletivo:* o povo de Israel é o servo de Javé (Is 41,8; 44,1.2.21; Is 45,4; Is 49,3). Esta tese se defronta com a constatação que às vezes o servo e o povo se contrapõem (Is 49,5-6; 53,8). Alguns autores mantendo a interpretação coletiva reconhecem que o servo pode ser um grupo profético, um “resto”.

*Personagem individual:* às vezes o servo é apresentado com traço de uma pessoa individual, até tentando reconhecê-lo numa figura histórica, os nomes propostos são inúmeros. Outros mantendo esta posição apontam para o próprio Segundo Isaias ou um seu contemporâneo de quem se perderam as notícias.

*Personagem mista:* nem a primeira nem a segunda teoria são válidas, mas é uma mistura das duas posições. Essa interpretação é bastante artificial, para sustenta-la precisa tirar os cânticos do seu contexto literário. Os cânticos são homogêneos no contexto literário, mas são heterogêneos entre eles. Observamos que o Segundo Isaias não fala de *um servo, mas de vários servos*: é Israel, sobretudo nos capítulos 40-48, um grupo escolhido (Is 49,1.6.7-13; 52,13-53,12); o profeta (Is 50,4-11); Ciro (Is 42,1-9); Deus (Is 43,23-24).

*Personagem messiânica:* todos os que sustentam as posições anteriores não negam que Jesus seja a plena realização dos poemas. Aqui nos referimos aos autores que os aplicam exclusivamente a Jesus. Sua posição se valoriza de numerosas citações que encontramos no Segundo Testamento: Mt 12,18-21; 8,17; Lc 22,37; At 8,32ss; 1Pt 2,22.24. Lembramos que o profeta Isaias é o mais citado no Segundo Testamento e as primeiras comunidades a ele recorriam para compreender o mistério de Jesus de Nazaré.

Qualquer que seja a orientação que escolhermos, não pode esquecer que a experiência expressada em termos pessoais reflete a experiência de sofrimento, incertezas, inseguranças, dor e esperanças coletivas. Experiência que efetivamente está enraizada no momento histórico dos exilados, suas tensões, conflitos políticos, desterro, sonho da volta ...

No início de sua profecia o profeta apresentava Ciro como potencial libertador, escolhido por Javé (Is 45,1.4; 44,28). Esta linguagem devia aparecer suspeita e passível de represália aos ouvidos babilônicos, como também provocar divisões ao interno do grupo dos exilados. Levantamos a hipótese que os cânticos reflitam a experiência de uma personagem, identificada como “*servo*”, denunciado pelos seus de tendências filo-babilônicas e por isso preso, encarcerado, correndo risco de morte. Sobretudo o quarto cântico expressa esta experiência histórica (Is 52,13-53,12).

Em sua voz, porem escutamos algo mais, um cântico novo.

## UM RESTO FIEL

*“... Iahweh consolou seu povo, ele se compadece dos seus aflitos. Sião dizia: – Iahweh me abandonou; meu Senhor se esqueceu de mim. – Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho de seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esquecerei de ti. Eu te gravei nas palmas da minha mão ...”* (Is 49,13-21)

Os porões do cativeiro na Babilônia geraram estas palavras. A comunidade judaica deportada tinha sofrido terrivelmente no desastre da destruição de Jerusalém e na chacina do povo. A experiência do desterro tinha provocado desânimo, descrença levando-os/as a afirmar: “*Deus nos abandonou! Esqueceu-se de nós!*”. Este, porem não era o pensamento comum. Entre eles/elas um grupo fiel começou a refletir a partir de sua nova situação.

Nova situação, pois os maiorais de então, em terra alheia, perderam seus privilégios, obrigados a trabalhar para o poder es-

trangeiro. O esplendor babilônico, os deuses cultuados que legitimavam o poder pareciam mais poderosos, os ritos cheios de mistérios fascinavam. A tentação era grande!

Um resto fiel desperta vai buscar luz e força na memória dos/das antepassados/as: Javé sempre se colocou do lado dos excluídos e empobrecidos, da vida. A memória reavivada se torna uma fonte de água viva que jorra vivificando e restaurando nos exilados/as ânimo e esperança. Eles/elas leem a situação com os olhos da fé: Deus libertador é também Deus criador, Deus redentor, Deus cria e recria a partir do caos. Os traços do Deus guerreiro são ressignificados nos traços de ternura e carinho de Deus-Mãe que carrega seu filho, sua filha tatuada em seu próprio ser.

## A TERRA DE EXÍLIO SE TORNA TERRA DE MISSÃO

*“Eis meu servo que eu sustenho, o meu eleito, em que tenho prazer. Pus sobre ele o meu espírito, ele trará o julgamento às nações... com fidelidade trará o julgamento... na sua lei as ilhas põem sua esperança.”* (Is 42,1-4)

A terra de exílio se torna a terra da missão! Enquanto uns debandam, outros sonham voltar, um resto retoma o caminho da fidelidade à aliança: ser povo de Deus que encontra na Lei a orientação de uma vida solidária baseada na justiça e no direito (Is 2,1-5). Não mais as nações virão a ele pedindo orientação. Israel hoje está entre as ilhas, as nações, para ser luz que julga, que acalenta a esperança de todos os/as que clamam por vida (Is 60,1-9).

O ventre que gerou não pode esquecer o fruto de suas entra-nhas. O seio que com amor de misericórdia deu à luz, vai acolher quem reconhece seu desamor e vai recriá-lo para nova missão.

*“Ilhas, ouvi-me! Povos distantes prestai atenção! Desde o seio materno Iahweh me chamou, desde o ventre de minha mãe pronunciou o meu nome... aquele que me modelou desde o ventre materno para ser seu servo... te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra”* (Is 49,1-7).

A missão de Israel era ser luz para as ilhas, sendo povo de Deus. Ao querer ser como as nações, ele traiu sua missão. Perdeu sua identidade a causa da infidelidade. Reduzido a nada, disperso entre as nações, sem identidade, nos porões da Babilônia, um grupo, semente de Israel, se apercebe da nova identidade: a de servo/serva. Descobre que foi reintegrado em sua missão de ser luz, ser julgamento, ser salvação para as nações (Is 61,1-3.8-11).

## SER TESTEMUNHA: O NOVO ROSTO DA MISSÃO

Esquecer-se de Javé foi o início da derrocada. A Israel precisa retomar o caminho que abandonou, percorrer o caminho de servo/a – discípulo/a. *“O Senhor Iahweh me deu uma língua de discípulo para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto... abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei... O Senhor Iahweh virá em meu socorro... perto está aquele que defende a minha causa... Quem dentro vós teme a Iahweh e ouve a voz de seu servo?...”* (Is 50,4-10).

As palavras do profeta se tornam para o resto fiel, ânimo, luz, força, identidade e missão. *“Ouvi-me, vós, que estais a procura da justiça. Vós, que buscais a Iahweh. Olhai para rocha da qual fostes talhados, para cova de que fostes extraídos. Olhai para Abraão vosso pai, e para Sara, aquela que vos deu à luz.”* (Is 51,1-2).

A eleição não é mais privilégio, segurança, garantia duma busca triunfalista de poder e domínio sobre os outros povos. A eleição retoma a dimensão da aliança a ser vivida na fidelidade. A eleição volta a ser compromisso com o direito e a justiça (Gn 18,19). A eleição é de novo um chamado a viver e testemunhar uma sociedade solidária, onde a vida seja o centro, uma sociedade de irmãos, de irmãs sem exclusão.

Jesus assumindo o título de Servo sofredor vive a missão em solidariedade com os últimos: *“... nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava... por suas feridas fomos curados... meu Servo justificará a muitos”* (Is 52,13-53,12).

A comunidade cristã, discípula de Jesus recebe dele a identidade de ser serva, recebe a missão de ser luz para os povos, recebe a herança de ser vida para gerar vida.

As comunidades cristãs serão isso quando se acolherem como irmãs, renunciando cada uma a seus dogmas e privilégios reconhecendo sua missão de servas. Missão de unir sua voz a voz dos/as que acreditam em Jesus de Nazaré, despojar-se de sua roupagem e se vestir do compromisso de ser testemunha solidaria eliminando as exclusões tornando-se geradora de vida.

### **PARA REFLETIR**

Fiz-me companheira do Profeta que identificamos como Segundo Isaias, ao chegar até aqui vocês aceitaram caminhar conosco, por isso vos convido a refletir:

- Visibilizar a quem a historia invisibiliza - Dar voz a quem a historia silencia: identificar os rostos dos (in)visíveis nos contextos de missão.
- A “terra de exílio” se torna “terra de missão”: que reflexão provoca esse enunciado? Que atitudes e praticas poderiam ressignificar a missão e o nosso carisma missionário?
- Quando e como o Deus Vivo pode se tornar um ídolo?
- Pode haver um “monoteísmo plural”?